

Caixa Cultural
exibe produções
nordestinas



PÁGINA 3

Paternidade do
tecnobrega gera
disputa ferrenha



PÁGINA 4

Judy Blume, um
autora sob censura
permanente



PÁGINA 6

2º CADERNO

Divulgação

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Com a estreia de “Turma da Mônica Jovem: Reflexos do Medo”, dirigido por Maurício Eça, na quinta, a dobradinha entre “Minha Irmã e eu” (com Tatá Werneck e Ingrid Guimarães) e “Mamonas Assassinas: O Filme” pode catapultar os números recentes do cinema brasileiro de volta à fronteira dos blockbusters.

Mas há um título que foge das três searas mais populares de nosso audiovisual na telona (comédias chanchadescas; biografias; aventuras infantojuvenis) que pode fazer toda a diferença na luta dos exibidores para lotarem suas salas com produções nacionais. No dia 25, “Nosso Lar 2 – Os Mensageiros” entra em cartaz, vitaminado um eixo que já somou fortunas e sempre desperta o interesse de multidões.

Já está aberta a pré-venda de ingressos para seu lançamento. Apoiado no carisma de Renato Prieto, astro nº 1 do chamado “teatro espírita”, no papel de André Luiz, o longa-metragem abre espaço para um melodrama metafísico que consegue arrebatá-los quem se interessa pelas lições da doutrina de Allan Kardec (1804-1869) e mesmo quem a desconhece.

Dirigido pelo carioca Wagner de Assis, o filme original, de 2010, vendeu 4 milhões de ingressos ao narrar o processo



Os Mensageiros reunidos para a ação em ‘Nosso Lar 2’, já em pré-venda dias antes de sua estreia

Para os espíritos não há ‘The End’

Depois de 14 anos de apresentar o ser de luz André Luiz ao cinema, ‘Nosso Lar’ regressa aos cinemas com ‘Os Mensageiros’, com fôlego para lotar salas exibidoras

de integração de André Luiz ao Mundo Espiritual. O mesmo cineasta – que lançou em 2023

“Ninguém É de Ninguém” - dirige a sequência de “Nosso Lar”, que chega 14 anos depois, apos-

tando numa trama pautada pela empatia. Prieto está de volta na parte dois, e, ao lado dele, Edson Cellulari assume um dos papéis principais, o do guia de luz Aniceto. Ele, André Luiz e mais uma troca de espíritos cruzam as vidas de três pessoas que necessitam de ajuda. Um deles é Otávio (Felipe de Carolis), um jovem com um dom incomum e uma vida promissora, mas que se

desvirtua no caminho; o outro é Isidoro (Mouhamed Harfouch), líder de um centro de caridade; e o terceiro é Fernando (Rafa Sieg), empresário responsável pelo financiamento do projeto. Guiados pelo poder de transformação do amor e do perdão, os Mensageiros vão tentar resgatar essas histórias, até mesmo quando tudo parece perdido.

Continua na página seguinte

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Renato Pietro, um pilar da dramaturgia espírita

Renato Pietro aventura-se em autobiografia

Correndo o Brasil com a peça “Chico Xavier em Pessoa”, Renato Prieto agora pode se tornar um blockbuster também nas livrarias, uma vez que sua recém-lançada biografia, “Quem Disse Que Seria Fácil?” (ed. Agir) acaba de entrar para a lista dos mais vendidos.

O título se refere a uma frase que ele repete desde que

deixou o Espírito Santo e partiu para o Rio em busca do sonho de se tornar ator. Penou, sofreu, teve que engolir muito sapo. Não foi fácil, mas ele chegou lá. Levou multidões aos teatros, tornou-se chamariz de bilheteria do sucesso nos cinemas com “Nosso Lar” (2010) e consagrou-se como o pilar da dramaturgia espírita no país.

Uma festa rock

O Coletivo Rio + Rock entrega o Prêmio Mais Destaques 2023 no próximo dia 23, com transmissão online, aos melhores do Rock em diversas categorias. O evento contará com artistas de diversas áreas e uma homenagem à Rádio Fluminense FM.

Sempre Michael

O filme “Michael”, cinebiografia sobre Michael Jackson, ganhou data de estreia: 25 de abril. O longa será protagonizado por Jaafar Jackson, sobrinho do Rei do Pop, que ganhou o papel pela semelhança física e o jeito de dançar do tio.

Alto desempenho

Estrelado por Ingrid Guimarães e Tatá Werneck, “Minha Irmã e Eu” já foi visto por mais de 1 milhão de espectadores. É o primeiro filme brasileiro a alcançar este número desde 2019 com “Minha Mãe é Uma Peça 3”, também dirigido por Susana Garcia.

TV empobrecida

Após 25 anos da estreia de “Família Soprano”, série sobre mafiosos em Nova Jersey (EUA), o roteirista David Chase disse que a era de ouro da televisão acabou, pois os executivos pedem produções mais simples e sem conteúdo reflexivo.



Wagner de Assis dá instruções a Renato Prieto e Fábio Lago no set de filmagens

‘O público gosta de história boa bem contada’

Fotografado por Lilis Soares, o filme inclui em seu elenco Vanessa Gerbelli, Fernanda Rodrigues, Fábio Lago, Nando Brandão, Aline Prado, João Barreto, Letícia Braga e Camila Lucciola. O eterno Corisco de Deus e o Diabo na Terra do Sol, Othon Bastos, regressa à franquia, no papel do governador da Cidade Espiritual.

Com trilha composta pelo pianista americano Philip Glass e fotografado pelo suíço Ueli Steiger (de “O Dia Depois De Amanhã”), “Nosso Lar” impressionou cinéfilos com estrutura formal distinta do que se fazia no Brasil da Retomada. Wagner investe mais na brasilidade ao fazer do universo espírita uma franquia.

Numa entrevista ao Correio da Manhã durante o Festival de Vassouras, em junho, Wagner dimensionou o chamado “mercado espírita”

“O público gosta de história

boa bem contada”, disse o cineasta. “Entendo desde ‘Nosso Lar’ que o atraente nessas histórias são as informações de outras realidades, as relações entre dimensões, o redimensionamento da condição humana, entendendo as reencarnações. Isso tudo dentro dos dramas, romances e até aventuras, que são gêneros consagrados. Por um lado, sei que estas histórias são extremamente potentes, atraentes, interessantes. Têm todos os requisitos de dramaturgia clássica e, assim, há uma enorme gama delas que pode e deve ser adaptada às telas. Mas, o modo para torna-las atraentes para o público sempre é um desafio. Como contar sem prosélitos e propagandas desnecessárias? Como respeitar a arte cinematográfica e a própria doutrina espírita para que haja um intercâmbio produtivo e atraente pro público, tanto dramaticamente quanto artisticamente? Por outro lado, ao mesmo tem-

po, é preciso pensar na universalidade delas, para que não sofram preconceitos por se tratarem de temas ligados a uma doutrina como a espírita. Aprendi que o cinema pode se alimentar desse universo. Quantas histórias desse tema que falam ao mundo todo existem e podem ser contadas? Eu tenho um monte!”

Dedicado a dramaturgias ligadas aos estudos de Kardec desde 1982, Prieto – que agora dá uma carga a mais de maturidade e sabedoria à figura de André Luiz – contabilizou cerca de sete milhões de espectadores ao longo de uma série de 15 espetáculos teatrais, como “Além da Vida” e “A Morte É Uma Piada”, focados na espiritualidade.

Para os próximos meses, o cinema brasileiro pode expandir seus domínios em cartaz com “Os Farofeiros 2”, “Chico Bento e a Goiabeira Maraviosa” e “Mallandro – O Errado Que Deu Certo”.



'Propriedade' é uma eletrizante narrativa de reflexão social sobre a necessidade da reforma agrária

Nordeste além da imaginação

Maratona na Caixa Cultural destaca o investimento (e a inventividade) daquela região no cinema de gênero, bem representado em circuito por 'Propriedade'

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Em cartaz no Estação NET Botafogo até quarta, com sessão às 16h50, "Propriedade", de Daniel Bandeira, provou à cinefilia brasileira o nível de excelência que o thriller nacional pode alcançar quando feito com ambições autorais, ao mesmo tempo em que revela o vigoroso investimento do cinema nordestino em narrativas de gênero. Não por acaso, neste sábado, feriado de São Sebastião na cidade, o longa-metragem pernambucano será exibido na Caixa Cultural (Rua do Passeio, 38, Centro),

numa maratona batizada de Maratona Nordeste Fantástico, seguido de debate com seu realizador.

O evento vai até 28 de janeiro de 2024, exibindo 26 títulos egressos de estados diferentes daquela região, realizados entre 1970 e as primeiras décadas dos anos 2000. Cada produção selecionada flerta com filões como a fantasia, a ficção científica, o horror.

É o que se vê nos curtas selecionados para quarta, com projeção às 15h: "O Vulto" (AL, 2013, 17min) + "Pranto" (PB, 2019, 12 min) + "Ima de Geladeira" (SE, 2022, 19 min) + "Castelo da Xelita" (RN, 2022, 11min) + "O Auto de Leidiana" (CE, 1998, 26 min). Às 18h,

lá da Bahia, chega um cult: "Abrigo Nuclear", de Roberto Pires (1934-2001).

Em informe à imprensa, o curador da mostra, Diego Benevides Nogueira, explica: "A pesquisa para a montagem da programação da Maratona Nordeste Fantástico destaca produções de todos os nove estados nordestinos, não os colocando como concorrentes em quantidade, muito menos em conformidade técnica, mas como união de propostas filmicas que traduzem as possíveis identidades do cinema fantástico realizado nessa região". Nesta sexta, às 17h, ele exhibe o tenso "Açucena" (2021), de Isaac Donato, e, na sequência,

promove um bate-papo com seu realizador.

Para o domingo, o assombro vem de terras pernambucanas: "Alem da Lenda" (2022), com sessão às 16h. Na próxima terça rolam (às 16h) "A Misteriosa Morte de Perola" (CE, 2014) e (às 18h) "Cipriano e a Morte de Cipriano" (PI, 2023), já exibido na abertura do evento, ontem. No dia 24, às 17h30, o sobrenatural toma conta da Caixa Cultural com o aclamado "O No do Diabo" (PB, 2018).

A exibição de "Propriedade", neste sábado, estende de maneira rica a presença do filme em solo carioca. É uma eletrizante narrativa de reflexão social endossado pelos elogios das plateias da mostra Panorama da Berlinale. Que filme precioso (e preciso) é o novo exercício autoral Bandeira, que saiu com a (merecida) láurea de Melhor Montagem da Première Brasil do Festival do Rio 2022. Na sequência, foi para o Fest Aruanda,

na Paraíba, onde ganhou as láureas de Melhor Direção, Som, Direção de Arte, Figurino e Fotografia. São vitórias que dão prestígio a uma forma singular (e sociológica) de gerar tensão. O cineasta retrata a inércia forçada de uma artista de classe social abastada acoçada por uma multidão de pessoas que tiveram seus empregos reduzidos a pó. E isso num contingente rural. Malu Galli esbanja potência trágica no papel de uma estilista traumatizada por uma situação em que foi refém. Na luta contra os fantasmas do passado, ela se vê em frente a um novo perigo quando os trabalhadores da fazenda de seu marido (um sujeito sexista e usurário) fazem um motim em prol de seus direitos trabalhistas, mantendo-a recolhida em um carro blindado. É uma mistura de John Carpenter (em "Assalto à 13. DP", de 1974) com o Roman Polanski de "Cul-de-sac: Armadilha do Destino" (Urso de Ouro de 1966). Seu roteiro faz jus à natureza autoral de seu diretor, ao usar o tempo narrativo numa compressão absoluta, até um transbordamento no qual explode em horrores sociológicos. E Malu vira a melhor scream queen (diva do terror) que o cinema nacional já viu, com um visual à la Jamie Lee Curtis. Na autópsia em corpo vivo daquele quinhão do Nordeste, Bandeira dá aula de reforma agrária regada a adrenalina.

‘O Outro Lado Da Esperança’, filme que transformou o realizador finlandês responsável pelo sucesso ‘Folhas de Outono’ numa celebridade autoral, chega à grade da MUBI



O imigrante Khaled em *O Outro Lado do Paraíso*, que acaba de chegar à MUBI

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Consagrado numa votação da Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica (Fipresci) com o título de Filme do Ano, lá em 2017, “O Outro Lado da Esperança” conquistou o um rol de laúreas, a começar pelo Urso de Prata de Melhor Direção na Berlinale, o que cacifa sua entrada na grade da MUBI. Mas seu maior realce na mostra que o streaming de curadoria humanizada, dedicado ao cinema de autor, promove ao revisitar a obra do cineasta finlandês Aki Kaurismäki é ressaltar uma espécie de ponto de virada em sua produção. Atualmente, ele arranca suspiros dos espectadores brasileiros com “Folhas de Outono” (“Fallen Leaves”), laureado com o Prêmio do Júri de Cannes em maio passado. Concorreu ao Globo de Ouro e tem tudo para ser indicado ao Oscar, quando as nomeações foram anunciadas, no dia 23 de janeiro. Kaurismäki já entrou no rol de concorrentes da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas antes, com “Um Homem Sem Passado” (Prêmio do Júri de Cannes em 2002). Mas foi a partir de “The Other Side Of Hope” (“Toivon Tuolla Puolen”, no idioma original da Finlândia, que ele passou a ser visto como um

O Kaurismäki da virada

Berlinale.de/Divulgação



O realizador finlandês é encarado como um dos maiores diretores do mundo

dos realizadores de maior relevância da contemporaneidade.

“E agora parei de beber...”, brincou o diretor na coletiva de lançamento de “Folhas de Outono” em Cannes, contrariando sua aparição borracha no Festival de Berlim, quando foi chamado pra buscar o troféu de Melhor Realização dado

a “O Outro Lado da Esperança”. Levantou-se de sua poltrona no Berlinale Palast trocando as pernas e quase caiu. Mas nada disso arranhou a boa reputação de olhar corrosivo sobre a situação dos refugiados. No caso, a trama desta comédia política fala sobre um imigrante ilegal sírio que se alia a um

trambiqueiro em ascensão, na Finlândia. Um de seus protagonistas é Khaled (Sherwan Haji), um jovem sírio que busca reencontrar sua irmã em uma Europa desatenta ao drama de quem buscou asilo por lá. Quem vai lhe dedicar mais atenção é o malandro e ás do carteadado Waldemar Wikström (Sakari Kuosmanen), que consegue montar um restaurante com uma bolada conquistada no baralho. “Precisamos tratar quem vem de fora com mais atenção e altruísmo, pôs amanhã os refugiados podemos ser nós, europeus”, disse Kaurismäki quando o filme estreou.

Quando o longa estava em gestação, a Quinzena de Cineastas de Cannes deu a ele o troféu honorário Carroça de Ouro pelo conjunto de uma obra que hoje ganha novos holofotes no www.mubi.com. Já estão lá cults como “Sombras no Paraíso” (1986), “A Garota da Fábrica de Caixas de Fósforos” (1990), “Nuvens Passageiras” (1996), “Luzes na Escuridão” (2006) e o memorável “O Porto” (2011). “Folhas

de Outono” entra nesse pacote a partir do dia 19. Há uma brevíssima aparição de Khaled (o personagem de Sherwan Haji), compondo uma conexão com “O Outro Lado do Paraíso”.

Repleto de alusões à filmografia de Charles Chaplin (o deus de Kaurismäki), “Folhas de Outono” escancara a ferida da Guerra da Urânia. Na narrativa, há um rádio sempre com notícias contra a Rússia ligado na casa da protagonista, Ansa (Alma Pöysti). Primeiramente, ela nos é apresentada no cargo de funcionária de supermercado. Depois disso, vira faxineira de bar e, por fim, torna-se operária de fábrica. Sua vida é monótona, solitária e embolorada. Até as lasanhas congeladas que compra dão mofo. Amparado pelo carisma dessa atriz de amplo ferramental cômico, Kaurismäki ensaia uma mudança súbita na rotina de Alma. Seu cotidiano muda quando ela se encanta por um homem que conhece num karaokê, Holappa, vivido pelo brilhante Jussi Vatanen. Ele também se encanta por ela, vive só e carece de um benquerer pra chamar de seu. Seu problema: ele bebe. Bebe muito. Na ciranda entre o álcool e uma paixão verdadeira, o personagem de Vatanen sofre uma reeducação afetiva. E a gente senta no banco escolar da empatia com ele, num filme de que dificilmente se esquece. É a simplicidade a serviço do lirismo, como tudo o que Kaurismäki faz.

Mistério total em 'Terra e Paixão'

Eliane Giardini conta que gravou nove versões diferentes para a cena do assassinato de Agatha

Quem matou Agatha? O grande mistério de "Terra e Paixão" pode ser menos óbvio do que os telespectadores esperam, já que nem mesmo a intérprete da personagem sabe ao certo o que vai ser mostrado no último capítulo, programado para a próxima sexta-feira (19).

Durante participação no programa "É de Casa" (Globo),

Eliane Giardini revelou que gravou diversos finais para que a direção tivesse opções para usar na reta final da novela. "Nós gravamos nove finais prováveis", afirmou. "Então, eu não sei exatamente o que é que vai ser o capítulo final."

Perguntada pela apresentadora Maria Beltrão se poderia ao menos dizer quem são os nove suspeitos, ela negou. "Eu

Eliane Giardini entrou no meio da novela, mas sua personagem Agatha conquistou o público

acho que não seria legal", disse a atriz. "Deixa as pessoas [descobrirem]... As pessoas estão palpitando muito... Tem uns personagens mais óbvios, outros nem tanto, mas eu não posso falar."

Agatha entrou com a novela

já em andamento, mas conquistou o público e se tornou um dos destaques da trama. "Eu sabia que ela não ia ser fofa, embora eu torcesse. Eu estava acompanhando a novela. Então, eu fiquei... Eu não podia falar para ninguém, porque se eu falasse 'eu vou fazer a Agatha', pronto, eu era o spoiler", brincou.

"Eu sabia que ela seria uma

mulher muito interessada, que vinha para se vingar, mas eu não sabia que ela seria uma assassina, que seria uma vilã nesse nível", lembrou. "Então, eu até torcia por uma redenção da personagem. A gente se apaixona e eu queria ser boa, queria ser amada pelo público. Foi a primeira vilã que eu fiz, então eu atravessei uma fronteira."



FERNANDO MOLICA



"Em meio a tantas fake news, o jornalismo ganhou uma importância ainda maior ao fornecer informações corretas e análises que ajudam o leitor a tomar suas decisões."

Fernando Molica

Carioca, jornalista e escritor, trabalhou em publicações como 'Folha de S.Paulo', 'O Globo', 'O Estado de S.Paulo' e 'Veja' e na TV Globo, CNN e CBN. Recebeu, entre outros, os prêmios Vladimir Herzog e Embratel de jornalismo. Autor de nove livros, entre eles, seis romances, é botafoguense e mangueirense.

No 'Correio da Manhã', Fernando Molica é responsável por duas colunas diárias: um artigo de opinião que trata de cultura e política e o Correio Nacional, que traz em forma de notas curtas, informações exclusivas sobre política, administração pública e universo empresarial.

Correio da Manhã

Correio Petropolitano

Correio Sul Fluminense

"Democracia e liberdade de expressão são o oxigênio do jornalismo. O jornalismo não sobrevive sem elas"

Rudolfo Lago

Formado pela Universidade de Brasília, Rudolfo Lago tem 37 anos de profissão, especialmente na cobertura de política. Responsável por furos como o dos Anões do Orçamento e a série de reportagens que levaram à cassação do ex-senador Luiz Estevão. Vencedor do Prêmio Esso, entre outras premiações.

No Correio Político, o leitor conhecerá os meandros, os bastidores, do poder em Brasília, na Esplanada dos Ministérios. Histórias que ajudarão a entender por que as decisões são tomadas ou não nos três poderes da República.



RUDOLFO LAGO

Afinal, quem é o pai do tecnobrega?

Gênero musical eletrônico do Pará tem 'paternidade' em disputa

Por Lucas Brêda (Folhapress)

Uns anos atrás, o músico paraense Tonny Brasil, que se diz criador do tecnobrega, recebeu uma ligação dizendo que Júnior Rêgo, colega de profissão, estava no estúdio da Metropolitana FM, no centro de Belém, falando que era o pai do estilo musical. "Liguei para a rádio, disse para ele ficar ali para conversarmos. Quando cheguei, já tinha ido embora."

Aquela entrevista, somada a anos de alfinetadas entre os músicos, marcou um momento de exposição mais direta do debate quente no Pará, novamente em voga depois de Gaby Amarantos ganhar um prêmio no último Grammy Latino.

Além de Tonny e Rêgo, a disputa em torno da paternidade do tecnobrega tem mais um elemento. Jurandy, um dos nomes de maior sucesso nos primeiros anos do gênero, também é lembrado como criador do gênero.

Essa disputa esquentou em maio do ano passado, quando a Assembleia Legislativa do Pará concedeu uma comenda reconhecendo Tonny Brasil como criador do gênero. Ele também é tratado dessa maneira em documentários sobre o tecnobrega, como "Brega S/A" e os extras do DVD "Tecno Melody Brasil", além de reportagens da imprensa local.

Júnior Rêgo se sente apagado da história. "Sou o verdadeiro autor do tecnobrega", diz. "Você não vê ele



Vincent Rosenblatt / Divulgação

Imagens da estrutura da equipe de aparelhagem Tupinambá em ensaio do fotógrafo Vincent Rosenblatt em Belém, no Pará



Vincent Rosenblatt / Divulgação

[Tonny] dizer que é o pai, manda os outros dizerem. Paga matéria no jornal. Tem vergonha de me encontrar. Não fala comigo. Tanto ele quanto Gaby Amarantos escondem o Júnior Rêgo."

Para além dos conflitos pessoais e de narrativas, há questões estéticas que ajudam a entender a gênese do estilo. "O tecnobrega dá seus primeiros passos no final dos anos 1990, quando o axé dominava o Brasil e o mercado de brega pop no Pará passava por uma crise", diz Zek Picoteiro, DJ e pesquisador do brega paraense. "Os artistas tiveram que achar uma solução mais acessível para produzir

seus discos."

No Pará, o brega ganhou uma identidade própria a partir dos anos 1970, como uma espécie de resposta à jovem guarda de Roberto Carlos, com nomes como Teddy Max, Luiz Guilherme e Mauro Cotta. Essas influências de rock se fundiram a estilos locais, como a lambada, e desembocaram no brega pop de Roberto Villar, Alberto Moreno e Wanderley Andrade, e no brega calipso de Joelma e Chimbinha, na década de 1990.

Foi nesse cenário que Tonny, depois de ver músicos se apresentando só com teclados numa viagem a

momento de "ascensão da música dos clubes das grandes cidades europeias, com as raves".

Foi nesse filão que Júnior Rêgo se encontrou. Nas festas de aparelhagem no fim dos anos 1980, ele diz, "tocava muito dance, techno e house". "Sempre gostei desses instrumentais, achava moderno."

Rêgo estudou música clássica, e não gostava de brega antes de ser seduzido por músicas como "Profissional Papudinho", hit de Roberto Villar. Em seu primeiro disco, "Ópera do Brega", ainda com sonoridade de banda, em 1999, inseriu na faixa "Separação" uma introdução eletrônica.

Rêgo se notabilizou com uma prática comum no tecnobrega: o uso de trechos de sucessos estrangeiros da música eletrônica. Um exemplo é "Brega do Tupinambá", de 2001, que cita a aparelhagem Tupinambá na letra, e traz um teclado que reproduz o hit "Better Off Alone", de Alice DeeJay. Segundo o artista, o primeiro tecnobrega da história é "Tecnotupinambá", lançada no início dos anos 2000.

A partir dali ele lançou diversas músicas com essa estética, muitas feitas sob encomenda para equipes de aparelhagem. "Todas com introduções internacionais para dar aquele charme", ele diz.

O tecnobrega, diz Rêgo, "é a fusão do brega paraense com a música americana". "É o brega e o calipso modernos, mais acelerado, com instrumentais e sons futuristas."

A partir de 2002, o tecnobrega se diversificou, ganhou subgêneros e vertentes. Nomes como a banda Fruto Sensual, Xeiro Verde, Beto Metralha, Tecno Show, comandada por Gaby Amarantos, e Maderito, entre muitos outros, fizeram parte desse momento da história do gênero, que ganhou fama nacional. Segundo Zek Picoteiro, mais importante do que fazer um "teste de DNA" no tecnobrega, é entender o que essa história representa. "Num contexto de escassez da virada do milênio, no norte do Brasil, nas beiras de rios e estradas inacabadas, nas periferias das metrópoles em condições sociais precarizadas, surge um gênero altamente tecnológico, original, autêntico, que traduz o mundo globalizado para o nosso sotaque."

Caiena, na Guiana Francesa, decidiu apostar nas gravações sem banda. Ele sequenciou todos os instrumentos, diz Zek Picoteiro, "as levadas de bateria e suingues de guitarra do brega pop, trazendo uma sonoridade eletrônica para o gênero".

Essas experiências depois geraram a música "Lana", tida como a primeira gravada totalmente de maneira eletrônica e que para Tonny é a canção fundadora do tecnobrega. O sucesso fez com que mais artistas gravassem só com teclados e computadores, uma redução drástica nos custos de produção. Aquela sonoridade sintética a princípio não foi bem vista, tida como empobrecimento estético da música paraense. "Foi muita ousadia", diz Tonny.

Mas, enquanto isso acontecia, Júnior Rêgo já estava gravando, já fazia parte do tecnobrega. Em Capanema, no interior do Pará, ele abraçou a música eletrônica de pista, como techno e house, que vinha do exterior.

Maurício Costa, professor de história na Universidade Federal do Pará e autor do livro "Festa na Cidade", sobre o circuito do brega paraense, diz que o tecnobrega surgiu nesse

'Censura aos livros está pior do que nunca'

A estadunidense Judy Blume é um autora com livros banidos em seu país desde os anos 1970

Por Bárbara Blum (Folhapress)

Judy Blume está acostumada à censura. Depois de ver seu livro de estreia "Ei, Deus, Está Ai? Sou Eu, a Margaret" ser banido de bibliotecas escolares - inclusive a do colégio de seus filhos - ainda nos anos 1970, quando foi lançado, a escritora de 85 anos vê suas obras seguirem na mira no que considera uma nova onda de censura à literatura nos Estados Unidos.

A hoje clássica história de Margaret, uma garota de 11 anos que vive em Nova Jersey com seu pai judeu e mãe protestante, parece inofensiva. Mas como a criança versava sobre as mudanças da puberdade, com direito a menstruação e paixões adolescentes, virou motivo de rebulição.

Nascida no mesmo estado de sua protagonista mais célebre, Blume cresceu em uma família judia tipicamente americana e levou uma vida pacata como dona de casa antes de virar uma autora best-seller, precursora da literatura voltada ao público adolescente com a história de Margaret.

Ela era casada e mãe quando escreveu o livro, mas se separou do marido, que tinha problemas com a mulher conciliar as tarefas domésticas com as de escritora de sucesso. Blume vendeu mais de 90 milhões de cópias de seus 29 títulos até agora, segundo a revista People. Mas seu pioneirismo não foi fácil.

"Nos anos 1970 os Estados Unidos eram muito mais abertos, mas quando - Ei, Deus - foi publicado, doei três cópias para a escola dos meus filhos e o diretor retirou dizendo que era inapropriado", diz Blume, em entrevista por videoconferência.

"Pensei que aquilo ia passar, mas nos anos 1980 a censura piorou. Foi algo grande.



Divulgação

Judy Blume: 'Querem controlar o que as crianças pensam'

Depois voltamos a uma política mais liberal. Agora está pior do que nunca. É pior que os anos 1980."

Sua literatura continua a ser perseguida, agora com "Forever", lançado cinco anos depois de "Ei, Deus", que foi banido em um distrito escolar da Flórida, governada pelo republicano Ron DeSantis, hoje candidato à Presidência, por abordar temáticas sexuais e raciais que Blume explora desde a estreia.

O país também se agita com uma lista que chega aos milhares de livros banidos, como o quadrinho "Gênero Queer", de Maia Kobabe, que questiona o binarismo de gênero, e o pioneiro "Maus", de Art Spiegelman, que narra a sobrevivência dos pais do autor a campos de concentração nazistas.

Blume, que mora na Flórida, tem motivo para preocupação. Segundo a organização pela liberdade de expressão Pen America, as ações para banir livros cresceram 33% no ano escolar que vai do segundo semestre de 2022 ao primeiro de 2023, em relação ao ano an-

terior. E 40% dos banimentos se concentram em distritos da Flórida de DeSantis, com 1.406 casos de proibição.

"A censura é uma questão de controle. Os censores querem controlar o que as crianças pensam, mas isso é impossível. Não querem que as crianças vão até eles com perguntas que eles não sabem responder", diz Blume.

Mas as tentativas de parar a popularidade da autora, que atravessa gerações, parecem inócuas. No mesmo ano em que foi banido, "Ei, Deus" foi lançado como filme sob o título "Crescendo Juntas", com Abby Ryder Fortson no papel da jovem protagonista e Rachel McAdams como sua mãe. A produção impulsionou um novo ciclo editorial ao livro, que chega ao Brasil pela Rocco pela primeira vez depois de mais de 50 anos da publicação original.

"O livro ainda ressoa porque fala de uma experiência universal. Crescer é natural. O desenvolvimento físico nunca fica velho, é novo para cada criança que passa por isso. É

inesquecível."

A jovem Margaret não é um espelho de quem a escritora era aos 11 anos. Mas Blume conta que se inspirou na experiência do irmão, judeu como ela, e da cunhada - uma batista do sul dos Estados Unidos que suspeitava que judeus tinham chifres.

Mas Blume era Margaret no sentimento que conduz a trama: a vontade de crescer. "Quando eu escrevi, queria uma experiência verdadeira. Era minha experiência. Eu sou ela no sentido de que demorei a me desenvolver e queria ver meus seios crescerem como os das minhas colegas."

A vontade de amadurecer que personagem e autora compartilhavam, porém, não é mais tão universal assim. A escritora diz receber cartas de leitores que não querem crescer, e aconselha pais a falarem com seus filhos se não quiserem que eles descubram sobre a puberdade sozinhos ou por meio de colegas. E até os encoraja a ler livros sobre o assunto juntos - valem até volumes técnicos sobre corpo humano.

"É importante preparar os jovens para a puberdade e falar sobre isso antes que ela venha. Eu me lembro de uma mulher que escreveu para mim dizendo que começou a ter sangramento vaginal e achou que estava morrendo, porque nunca tinha ouvido falar em menstruação. Não contou para a mãe porque não queria chateá-la."

Hoje, Blume vive em Key West, um reduto criativo na Flórida ultraconservadora que banuiu um de seus livros, e é dona de uma livraria com uma seção dedicada a obras censuradas.

"Mudamos os livros dessas prateleiras toda hora porque são muitos", diz. "Praticamente todos os livros que você citar estão banidos na Flórida, as prateleiras das bibliotecas estão vazias. Temos um governador que é provavelmente o maior censor de todos."

Blume diz que essa é uma luta que nunca acaba, mas não se vê desistindo. "As pessoas acham que se as crianças não lerem sobre algo, nunca vão saber que aquilo existe. Mas estou falando de puberdade, todo menino ou menina vai passar por isso, queiram seus pais ou não. É melhor ajudar a se prepararem para que saibam que não estão sozinhos."

UM BOM JORNAL
TEM QUE SER **DIRETO**.

NÃO SER DE ESQUERDA
E NEM DE DIREITA
MAS, **DIREITO**.

É TER CORAGEM
DE INFORMAR
A VERDADE
E NÃO IMPOR
A SUA **VERDADE**.

É **RESPEITAR**
A INTELIGÊNCIA DO LEITOR
E VONTADE DO ELEITOR .

Correio da Manhã

Há 122 anos Direto e Direito



EM UMA BANCA PERTO DE VOCÊ

correiodamanha.com.br @correiodamanha